



Mayo 2018 - ISSN: 1696-8352

QUAL A RELAÇÃO ENTRE A POBREZA DO BRASIL E INTERNACIONALIZAÇÃO TARDIA DAS EMPRESAS BRASILEIRAS

Julio Cesar Souza Parreira (CEFET-MG)

juliocesarsouza82@hotmail.com

Ítalo Brener de Carvalho (CEFET-MG)

italobrener@dcsa.cefetmg.br

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Julio Cesar Souza Parreira y Ítalo Brener de Carvalho (2018): "Qual a relação entre a pobreza do Brasil e internacionalização tardia das empresas brasileiras", Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana, (mayo 2018). En línea:
<https://www.eumed.net/rev/oel/2018/05/pobreza-empresas-brasil.html>

RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre o desenvolvimento do Brasil e a internacionalização tardia das empresas nacionais. Foi analisado a diferença entre desenvolvimento e crescimento econômico, indicadores sociais e a industrialização do Brasil. Utilizou-se uma metodologia exploratória, para compreender o fenômeno, e no levantamento teórico optou-se pelo autor Josué de Castro citado na discussão de como a pobreza influenciou no subdesenvolvimento do Brasil. A conclusão foi que realmente a pobreza influencia na internacionalização das empresas brasileiras.

Palavras-chave: Internacionalização tardia, pobreza, índices sociais, Geografia da Fome, subdesenvolvimento.

WHICH IS THE RELATIONSHIP BETWEEN BRAZIL'S POVERTY AND LATE INTERNATIONALIZATION OF BRAZILIAN COMPANIES?

ABSTRACT

This paper examines the close relationship between the underdevelopment of Brazil and late internationalization of domestic enterprises. The difference between development and economic growth, social indicators and industrialization of Brazil were analyzed. Josué de Castro was quoted author on how poverty influenced the underdevelopment of Brazil. The conclusion was that poverty actually influences the internationalization of Brazilian companies.

Keywords: Internationalization late, poverty, social indicators, Geography of Hunger, underdevelopment.

1 INTRODUÇÃO

Brasil, o maior país da América do Sul, o quinto maior do mundo em extensão territorial, é atualmente a sétima maior economia do mundo por PIB (Produto Interno Bruto) nominal. Possui aproximadamente 200 milhões de habitantes, é o maior país em que se fala a Língua Portuguesa e

rico em diversidade cultural e etnias. Está situado entre a linha imaginária do Equador e o Trópico de Capricórnio e por isso foi alcunhado de país tropical; tem uma vegetação diversa e grande variedade de espécies de fauna e flora e a maior floresta tropical do mundo; é famoso por seu futebol penta campeão e ganhou o apelido de país do futebol.

Mas estas talvez seriam qualidades que definiriam o Brasil como uma nação boa para se viver. O fato de ser detentor do título do sétimo maior PIB do mundo, não significa que essa riqueza oferece qualidade de vida aos seus habitantes.

Para tanto, é necessário a análise de indicadores sociais em que se inferem qualidade de vida, desenvolvimento econômico, desigualdades sociais e educação. Tais como salários e remunerações que fazem jus ao título de uma grande economia global. Compreender a relação entre a pobreza e o atraso da economia brasileira perante economias globais, subdesenvolvimento e fracasso da educação, teriam prejudicado o sucesso das empresas nacionais em um cenário competitivo internacional?

Crescimento econômico é diferente de desenvolvimento econômico; enquanto este se relaciona com a qualidade de vida das pessoas, aquele apenas diz a quantidade que determinada economia cresceu sem relacionar tal crescimento com a distribuição de renda dos habitantes; portanto, um país pode produzir muita riqueza e não ser considerado desenvolvido; assim é o caso brasileiro, que produz mais que países chamados ricos como a Suécia.

O “crescimento econômico é a ampliação quantitativa da produção” (GREMAUD; VASCONCELLOS; TONETO, 2007, p. 59), enquanto a ideia de desenvolvimento não está diretamente relacionada ao quanto se produz, “mas também a natureza e a qualidade desse crescimento” (GREMAUD; VASCONCELLOS; TONETO, 2007, p. 59). Nesse patamar: “A ideia de desenvolvimento econômico está associada às condições de vida da população ou à qualidade de vida dos residentes no país” (GREMAUD; VASCONCELLOS; TONETO, 2007, p. 60).

Ou seja, o julgamento de vida boa ou má depende de outros dados que fazem uma ligação de crescimento com bem estar. Partindo daqui, não é difícil desenvolver o pensamento de qualidade de vida através de índices sociais.

2 DADOS SOCIAIS

Um conceito utilizado para facilitar a ideia de desenvolvimento é o Produto Per Capita que é “produção do país (PIB) dividida pelo número de habitantes deste país” (GREMAUD; VASCONCELLOS; TONETO, 2007, p. 61). Portanto, um país como a Suécia, que tem cerca de sete milhões de habitantes, pode ter melhor qualidade de vida que o Brasil e seus 200 milhões.

Ora, quanto maior o PIB Per Capita, mais desenvolvida a nação será considerada; entretanto ele é uma média, não exatamente todos possuem a mesma renda e acesso a bens de consumo; a renda da população, na verdade, fica espalhada neste índice.

Ano	2007	2008	2009	2011	2012
Valor (R\$)	778,59	816,60	838,56	891,36	962,10

Fonte: IPEADATA

Tabela1: Renda Mensal da População – Nível Brasil

A renda das famílias tem aumentado no Brasil, mas estaria longe do ideal para o desejo de se tornar desenvolvido, porque, aliás, tem-se que considerar a inflação em média de 6,5% ao ano. (segundo dados fonte) Portanto, na realidade, este crescimento estaria defasado e para compor este indicador, são necessários a fim de uma análise precisa, a composição de um grupo de indicadores para compreender a real situação, já que é apenas uma média simples.

Outro, o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) mede a qualidade de vida de determinada região, cidade ou país, considerando, expectativa de vida, qualidade no trabalho, saneamento básico, água potável, tratamento de resíduos sólidos e poder de consumo. Segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa

Econômica Aplicada), o IDH: “É obtido pela média aritmética simples de três sub-índices, referentes às dimensões Longevidade (IDH-Longevidade), Educação (IDH-Educação) e Renda (IDH-Renda)”.

Ano	1991	2000
Valor	0,696	0,766

Fonte: IPEADATA

Tabela 2: IDH

Em suma, três indicadores são necessários para este cálculo: um de renda, um de saúde e um de educação. O IDH vai de 0 (zero) a 1 (um), e a sua interpretação é simples: quanto mais próximo de 1, melhor a qualidade de vida. Este índice foi criado pela ONU (Organização das Nações Unidas) no início da década de 90 para agregar indicadores sociais com a renda per capita, é realizado em mais de 170 países (GREMAUD; VASCONCELLOS; TONETO, 2007, p. 62).

Orgãos brasileiros calculam IDH por regiões, estados e cidades, com o objetivo de dar um estudo específico, em caso de necessidade de detalhes. O IPEA e IBGE são exemplos.

Ao se comparar a média brasileira, com a tabela abaixo, percebe-se que a média brasileira ainda é baixa, comparada à alguns países da Europa, que chegaram até 0,955, em 2012:

2012 HDI rank	Name	2012 HDI Value
1	Norway	0,955
2	Australia	0,938
3	United States	0,937
4	Netherlands	0,921
5	Germany	0,92
6	New Zealand	0,919
7	Ireland	0,916
7	Sweden	0,916
9	Switzerland	0,913
10	Japan	0,912
85	Brazil	0,73

Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento: <http://hdr.undp.org/en>

Tabela 3: IDH países selecionados

Com a apresentação da Renda Per Capta (a produção do país dividida pelo número da população) e o IDH (o cruzamento de três fatores, renda, saúde e educação) poderá se ter uma ideia do desenvolvimento de um país; entretanto, um outro fator ainda é relevante, o chamado Índice de Gini. Este índice mede a distribuição e concentração de renda e relaciona a diferença entre os mais ricos e mais pobres:

2007	2008	2009	2011	2012
0,556	0,546	0,543	0,531	0,530

Fonte: IPEADATA

Tabela 4: Índice de Gini – Nível Brasil

Ele vai de 0 (zero) a 1 (um) e a sua interpretação também é de fácil assimilação: quanto mais próximo de zero, menor a desigualdade social. Historicamente, não se deverá considerar nenhum dos fatores aqui apresentados isoladamente, pois um país pode possuir pouca diferença social mas todos serem pobres, ou ter uma média de Renda Per Capta alta mas existir grandes diferenças entre os mais ricos e mais pobres.

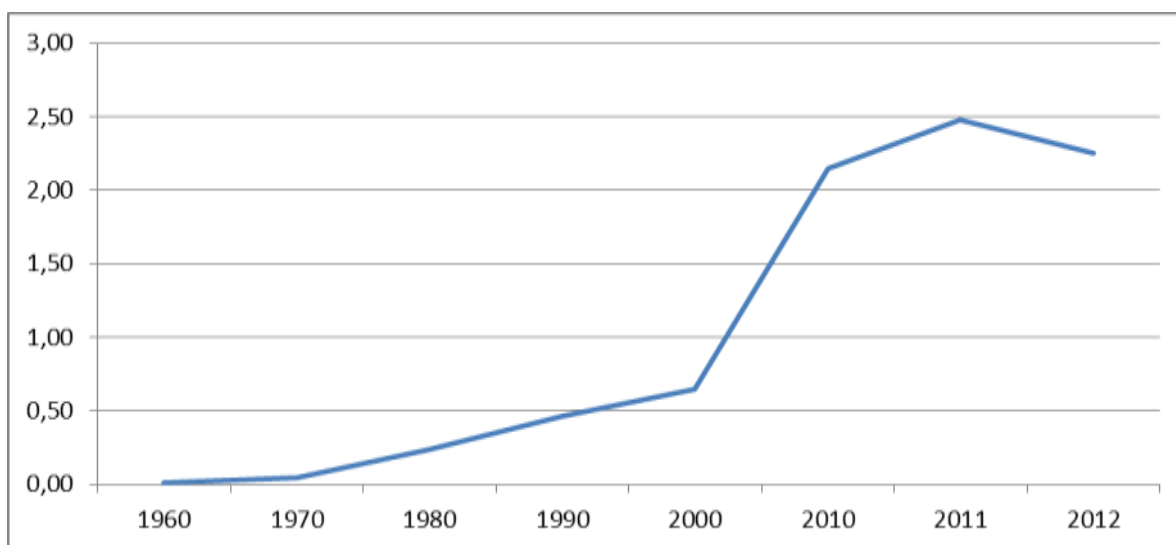
Além destes três selecionados, há outros que podem ser apreciados como Taxa de Analfabetismo, Esgoto Sanitário, Residências com Água Potável, Coleta de Lixo, que não serão abordados neste estudo.

3 UMA INDUSTRIALIZAÇÃO TARDIA

No ano de 1500, houve o “achamento” do Brasil pelos portugueses. A partir daí, começa a história do que viria então a ser conhecido como Brasil.

De uma maneira resumida, Gremaud, Vasconcellos e Toneto (2007) resumem a industrialização brasileira em quatro momentos principais: a fase primeira vai até o ano de 1808, em que a corte portuguesa instalou-se na colônia devido a invasão de Portugal pela França de Napoleão Bonaparte; antes deste ano, era proibido comercializar com o estrangeiro, a produção agrária era para consumo interno e exclusivo com os colonizadores. O segundo período começa em 1808 e continua até 1930; quando a família real portuguesa se instalou na colônia, naquele ano de 1808, D. João VI abriu os portos e a colônia pôde receber produtos manufaturados da Inglaterra e diversificar a produção. De 1930 a 1956 começa o terceiro período da industrialização e a partir daí que começa a revolução industrial em si; Getúlio Vargas fundou grandes empresas, a Petrobras, a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e a Vale do Rio Doce. O quarto período, de 1956 em diante, houve o que foi chamado de “internacionalização”, com grande aumento de produção de ferrogusa, aço, petróleo e cimento, partindo daí, maior diversificação industrial.

Depois do golpe militar, em 1964, houve aceleração do crescimento que chegou ao seu apogeu naquilo que foi apelidado de Milagre Econômico.



Fonte: <http://www.worldbank.org/> (valores em trilhões de dólares).

Gráfico 1: Evolução do PIB Brasil

De maneira sintética, a industrialização do Brasil é recente se comparada com alguns países. O país deu um salto em dois momentos históricos, no governo de Getúlio Vargas e no de Juscelino Kubitschek. Tratando-se dos subdesenvolvidos, é um dos mais industrializados do globo. Pode-se citar as indústrias automobilísticas, petroquímica, alimentação, vestuário, metalurgia e agricultura.

O setor de automobilismo é um fator curioso no Brasil, pois as indústrias que se instalaram no país não são brasileiras, são multinacionais, sociedades anônimas e totalmente dependentes da tecnologia estrangeira. A FIAT foca no mercado interno enquanto outras, como a BMW, exporta para o americano. A siderúrgica USIMINAS possui uma parceria com empresas japonesas de maneira que

quando ela quer investir, ela compra toda a tecnologia de fora e a monta na sua sede, sem investir em desenvolvimento científico no Brasil; além disso, a própria empresa não apenas divulga que compra tecnologia japonesa como que exalta essa compra para quem quiser ver.

Ao relacionar o comércio internacional, é claro perceber que nenhum país produz tudo aquilo que necessita e é absolutamente normal a relação de compra e venda entre si. A internacionalização de empresas nacionais é importante para gerar riquezas nacionais e reter a super exploração da mão de obra interna, pois quando determinada nação não produz nada de ponta, fica a mercê de multinacionais que virão apenas produzir a preços baratos, utilizando mão de obra farta e exportando para seus países a preços irrisórios.

Além disso, no comércio internacional, a escravidão do dólar americano existe, ou seja, todos os países estão sujeitos a flutuações desta moeda que o governo americano pode e manipula muito bem conforme os interesses deles. Quando a inflação no Brasil sobe mais que o esperado, o FED (Banco Central dos Estados Unidos) recolhe a moeda para que o seu valor suba de forma a controlar a inflação deles, já que o Brasil exporta para lá.

É através do desenvolvimento desta ideia que entra a questão do investimento em educação, saúde, pesquisa tecnológica, meio ambiente e infraestrutura. Em um país em que a corrupção é grande, tem-se a pobreza refletida em vários campos da sociedade, inclusive no subdesenvolvimento do empreendedorismo nacional e sua fraca internacionalização.

4 REVOLUÇÃO CULTURAL ÀS AVESAS

Ao lado destes fatos, os autores incluem um outro indicador que pode justificar as relações do tema, a questão da autoestima baixa dos brasileiros, falta de brasilidade na música dos rádios, nas roupas, moda e cinema.

A televisão tem desempenhado um papel de troca de valores em que o feio foi valorizado no lugar do belo e o desarmônico foi substituído pelo harmônico e viu-se assim a mudança da música popular brasileira, que era rodeada de um espírito crítico, por canções com monossílabos e onomatopeias, cheias de alusão ao sexo.

Claro, é uma visão crítica em que mais uma vez um único indicador não seria capaz de resumir e explicar toda a relação entre pobreza e internacionalização. Mas é possível compreender resumi-lo no acesso a educação e a formação cultural e seus antecedentes, o primeiro deles boa alimentação.

Josué de Castro construiu um trabalho sociológico respeitado no mundo inteiro, publicado em 1946 em que explicita os problemas da fome em uma sociedade e em um indivíduo: “A fome coletiva é um fenômeno social bem mais generalizado. É um fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à sua ação []” (CASTRO, 1946).

Ele delineia que a pobreza se reflete na qualidade daquilo que se consome:

A alimentação do brasileiro tem-se revelado, à luz dos inquéritos sociais realizados, com qualidades nutritivas bem precárias, apresentando, nas diferentes regiões do país, padrões dietéticos mais ou menos incompletos e desarmônicos. Numas regiões, os erros e defeitos são mais graves e vive-se num estado de fome crônica; noutras, são mais discretos e tem-se a subnutrição. Procurando investigar as causas fundamentais dessa alimentação em regra tão defeituosa e que tem pesado tão duramente na evolução econômico-social do povo, chega-se à conclusão de que elas são mais produto de fatores socioculturais do que de fatores de natureza geográfica (CASTRO, 1946).

A fim de tomar o trabalho mais didático, o autor divide a questão da fome em cinco partes: Amazônia, mata do Nordeste, sertão do Nordeste, Centro-Oeste e extremo Sul. Os efeitos dela fica claro em toda a obra, e para exemplificação, em certo momento, ele explicita sobre a região amazônica:

Na alarmante desproporção entre a desmedida extensão das terras amazônicas e a exigüidade de gente, reside a primeira tragédia geográfica da região. (...) Dentro da grandeza impenetrável do meio geográfico, vive este punhado de gente esmagado pelas forças da natureza, sem que possa reagir contra os obstáculos opressores do meio, por falta de recursos técnicos, só alcançáveis com a formação de núcleos demográficos de bem

mais acentuada densidade. (...) Sem forças suficientes para dominar o meio ambiente, para utilizar as possibilidades da terra, organizando um sistema de economia produtiva, as populações regionais têm vivido até hoje, no Amazonas, quase que exclusivamente num regime de economia destrutiva (CASTRO, 1946).

A pobreza, a fome, a subnutrição tem efeito direto na inteligência do ser humano. E um dos grandes percalços que humanidade tem vivido desde o século XX foi o crescimento do materialismo. As pessoas se tornaram obsoletas presas ao consumo de bens e ao prestígio que as marcas de grife lhes dão. Desta forma, é impossível para uma pessoa olhar para o lado e perceber o mundo real que acontece em sua volta.

Enquanto se fala em como as empresas devem se internacionalizar e seus processos, há também a necessidade de dizer que um país subdesenvolvido como Brasil deve também reconhecer que a pobreza de seus indivíduos interfere na economia com seu consumo baixo. Uma população pobre gasta pouco e sua a economia se desenvolve a passos rastejantes.

Além disso, com um povo subnutrido, não há possibilidades de desenvolvimento intelectual e nem científico. Ora, as pesquisas científicas estão enquadradas no quarto setor da classificação da economia, como se deverá existir grande internacionalização das empresas se uma grande parte da população ainda sofre da ausência das coisas mais básicas.

Exemplificando, uma comparação da periferia do Brasil e da dos Estados Unidos: o subúrbio brasileiro é sinônimo de pobreza, atraso, perigo; o americano representa o sonho daquele país, de maneira tal que é o mercado imobiliário que sustenta um dos pilares da economia:



Fonte: Google Imagens.

Imagem 2: Periferia do Brasil.



Fonte: Google Imagens.

Imagem 3: Periferia dos Estados Unidos da América.

É clara a diferença estrutural entre estes dois países. Comparando a economia deles, Estados Unidos (PIB: 15 trilhões de dólares), Brasil (2,5 trilhões de dólares), os índices sociais já citados, a infraestrutura e a quantidade de empresas internacionalizadas, é possível ver se a hipótese entre pobreza e internacionalização de empresas se relacionam ou não.

Rank	Company	Country	Market Value
1	ICBC	China	\$215,6 B
2	China C. Bank	China	\$174,4 B
3	Agricultural B.China	China	\$141,1 B
4	JPMorgan Chase	United States	\$229,7 B
5	Berkshire Hathaway	United States	\$309,1 B
6	Exxon Mobil	United States	\$422,3 B
7	General Electric	United States	\$259,6 B
8	Wells Fargo	United States	\$261,4 B
9	Bank of China	China	\$124,2 B
10	PetroChina	China	\$202 B
11	Royal Dutch Shell	Netherlands	\$234,1 B
12	Toyota Motor	Japan	\$193,5 B
13	Bank of America	United States	\$183,3 B
14	HSBC Holdings	United Kingdom	\$192,6 B
15	Apple	United States	\$483,1 B
16	Citigroup	United States	\$145,1 B
17	BP	United Kingdom	\$148,8 B
18	Chevron	United States	\$227,2 B
19	Volkswagen Group	Germany	\$119 B
30	Petrobras	<i>Brazil</i>	\$ 86.8 B
46	Itaú Unibanco Holding	<i>Brazil</i>	\$ 74.9 B
63	Banco Bradesco	<i>Brazil</i>	\$ 58.5 B
104	Banco do Brasil	<i>Brazil</i>	\$ 28.3 B
442	Vale	<i>Brazil</i>	\$ 71.4 B

Fonte: Forbes.

Tabela 5: Maiores empresas do mundo, em vendas, valor de mercado e ações. A primeira empresa brasileira aparece na posição 30. O topo é dominado por empresas chinesas, americanas, europeias e uma japonesa.

5 UM RESGASTE NA AUTO ESTIMA DOS BRASILEIROS

Um autor que escreveu obra bela a cerca do Brasil foi Stefan Zweig. Nascido em 1881 em Viena, Áustria, teve boa educação e escrevia poesias. De origem judaica, ficou desanimado com a Europa em guerra e por um acaso visitou o Brasil. A partir daquele momento se apaixonou pelo que viu e sentiu, e escreveu a obra mais conhecida sobre o Brasil no exterior: *Brasil, um país do futuro*, em 1941.

A obra foi publicada em alemão e devido a um erro no título no momento da tradução para outros idiomas, a omissão do pronome indefinido 'um', o Brasil tornou-se um vaticínio famoso e até hoje se diz que sempre será o país do futuro. No texto, a nação tupiniquim é descrita liricamente como a mais bela e mais pacifista do mundo. Aqui o austríaco viu um mundo utópico, quase perfeito, que pode reconstruir a autoestima perdida dos brasileiros:

A beleza desta cidade (Rio de Janeiro), desta paisagem, com efeito quase não se pode reproduzir, nem pela palavra, nem pela fotografia, porque é demasiada variada, demasiada heterogênea e inesgotável; um pintor que quisesse representar o Rio em toda sua plenitude e com todos seus milhares de cores e cenas, não teria tempo para concluir a obra em sua vida inteira (ZWEIG, 1941).

Na citação acima, ela demonstra suas impressões sobre o Rio e abaixo ele faz uma breve comparação entre esta e São Paulo: “Para apresentar a cidade do Rio de Janeiro, teria eu propriamente que ser pintor, e para descrever São Paulo precisaria ser estatístico ou economista” (ZWEIG, 1941).

E ainda sobre o dinamismo da cidade paulistana: “Às vezes tem o visitante a impressão de não estar em uma cidade, mas num enorme lugar de construção” (ZWEIG, 1941).

6 CONCLUSÃO

A pobreza tem um efeito sobre a economia de um país inteiro, não apenas sobre a internacionalização de empresas. Afinal, criar um ambiente favorável à internacionalização, torna tanto o desenvolvimento como crescimento econômico, fatores que favorecem tanto na escala vertical de crescimento de PIB, como horizontal na distribuição de renda e qualidade de vida (IDH) por uma nação.

Fatores culturais como educação, influência de estrangeirismos, autoestima e compreensão do fenômeno mais detalhadamente podem segundo os autores contribuir para que um país jovem como o Brasil se internacionalize tardiamente.

Nos levantamentos bibliográficos dois autores se destacaram nesta pesquisa exploratória que visa compreender este efeito, eles embasaram este estudo norteando os autores na visão sociológica do tema.

Em novos estudos compreender o fenômeno fome, televisão, importação de subculturas em formas midiáticas como filmes e músicas. Seus benefícios e desvantagens comparadas à importação de outros bens, produtos e culturas.

Índices sociais calculados demonstram que o desenvolvimento depende de muitas coisas e que também explicita o conceito de pobreza com mais detalhes. Esta por sua vez teve e ainda tem atrasado o pensamento científico do Brasil e a entrada das empresas brasileiras no mercado internacional. Sobretudo, é necessário um resgate na autoestima dos brasileiros como forma de uma revolução na luta contra a pobreza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GREMAUD, A. P.; VASCONCELLOS, M. A. S.; TONETO JUNIOR, R. **Economia Brasileira Contemporânea**. 7ª edição, São Paulo. 2007.

CASTRO, Josué Apolônio de. **Geografia da Fome**. São Paulo. 1946. (Obra digitalizada).

ZWEIG, Stefan. **Brasil, um país do futuro**. São Paulo, 1941. (Obra digitalizada).

<http://www.ipeadata.gov.br/> acessado em 20/05/2014.

<http://www.worldbank.org/> acessado em 26/05/2014.

<http://hdr.undp.org/en> acessado em 21/05/2014.

<https://data.undp.org> acessado em 21/05/2014.

www.usiminas.com acessado em 20/05/2014.

www.google.com acessado em 20/05/2014.

www.forbes.com acessado em 27/05/2014.